

RESENHA 3

A ESCOLHA DA GUERRA CIVIL: UMA OUTRA HISTÓRIA DO NEOLIBERALISMO

de Pierre Dardot, Haud Guéguen, Christian Laval e Pierre Sauvêtre. Tradução de Márcia Pereira Cunha. São Paulo: Elefante, 2021, 179 p.

Recebido em 22/06/2025

Aprovado em 30/09/2025

DOI: 10.69585/2595-6892.2025.1302

Definir movimentos políticos amplos – como “neoliberalismo” – é uma tarefa que desafia as ciências humanas. Ainda assim, uma definição robusta e que tenha sucesso em distinguir este momento “neoliberal” do liberalismo clássico e de outras organizações sociais é crucial para o entendimento e aprofundamento da significância desse fenômeno. De certa forma, é exatamente isso que o livro *A Escolha da Guerra Civil* busca fazer – identificar a especificidade do movimento neoliberal frente aos demais movimentos políticos.

Ambicioso em escopo e tese, o livro constrói suas reflexões sobre as bases lançadas em *A Nova Razão do Mundo*, obra de grande influência escrita por Pierre Dardot e Christian Laval, também autores de *A Escolha da Guerra Civil*. Acompanhados agora de Haud Guéguen e Pierre Sauvêtre, esses autores expandem seu entendimento sobre o fenômeno em questão: se “neoliberalismo” é, acima de tudo, uma maneira de interpretar o mundo (Dardot e Laval, 2017), então quais são as consequências do neoliberalismo para a política? A tese apresentada em *Escolha da Guerra Civil* é clara: o neoliberalismo como fenômeno político se caracteriza positivamente pela sua *estratégia*. Mais do que manifestações “novas” de política econômica e jurídica, o neoliberalismo político se caracteriza por uma *forma específica* de enfrentamento de um “inimigo interno”.

**BRUNO C.
MARCHETTI**

Professor substituto do curso de Economia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e doutorando em Economia na mesma universidade

Email: bruno.marchetti@unesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0237-1684>

Este conjunto estratégico ganha contornos autoritários – mas não configura sua especificidade. Os autores argumentam que há uma “dimensão autoritária irredutível do neoliberalismo” (p. 309); todavia, está pouco o diferencial do “autoritarismo libertário” da República de Weimar ou mesmo da experiência histórica do fascismo.

O neoliberalismo tampouco se refere a uma postura “ultraliberal” em que o Estado dá lugar ao funcionamento de mercados de maneira indiscriminada. Por exemplo, Friedrich Hayek, uma das figuras de proa do neoliberalismo, identifica no Estado a função central de *proteger a competição econômica* – não se ausentar desta esfera (argumento similar é apresentado por Slobodian, 2018). Mas isso vai além: para os autores, o tocante dos direitos é central para a estratégia. O exemplo dado pelos autores é o Brasil, pois, na visão deles, “o impeachment [da presidente Dilma] tinha o objetivo de criminalizar toda política que não se submetesse à austeridade fiscal” (p. 277-278).

Assim, para os autores, o neoliberalismo não é um fenômeno unicamente econômico: o neoliberalismo não se constitui pelas “subvenções governamentais a grandes empresas” (p. 302) e “tampouco o fazem as políticas de austeridade ou deflacionárias” (p. 303). O que é próprio ao neoliberalismo, em síntese, é o método pelo qual essas políticas são alcançadas – novamente, sua estratégia.

O livro, dessa maneira, é um grande sucesso em desmistificar o termo “neoliberalismo”, um sucesso, pode-se dizer, em etapas. Em uma primeira etapa identifica-se o neoliberalismo como fenômeno histórico que nasce após o colóquio Walter Lippman de 1938 (p. 296) e que se manifesta primeiro no Chile de Pinochet a partir de 1973 e depois (mais central à argumentação do livro) no governo Margaret Thatcher a partir de 1979. Dessa maneira, o neoliberalismo se constitui primeiro como ideologia – mas não como forma de governo ou como orientação de política econômica específica.

Em uma segunda etapa, identifica-se o neoliberalismo em sua complexidade ideológica, evitando as caricaturas comuns. O capítulo 6, “As estratégias neoliberais da evolução social”, é especialmente notável, pois desagrega o movimento em três grupos gerais: a vertente modernizante, cujo principal representante é Walter Lippman, o “hiperconservadorismo sociológico”, personificado em Wilhem Röpke, e o “evolucionismo conservador” de Hayek. Essa caracterização permite ver o neoliberalismo como o conjunto de vertentes concorrentes, explicando por que as definições propostas para o termo “neoliberal” parecem tão díspares, ou mesmo contraditórias: não está se definindo um conjunto coeso de ideias.

Em uma terceira etapa, os autores desembaraçam o termo “neoliberalismo” das associações comuns (e, via de regra, pouco rigorosas) com movimentos autoritários do passado – em específico o fascismo histórico. Mesmo reconhecendo o caráter autoritário do neoliberalismo, os autores são especialmente cuidadosos para traçar linhas na areia: o autoritarismo antissindical de Thatcher, por exemplo, é muito diferente daquele de Mussolini ou Hitler; o primeiro se baseia na aplicação de um “constitucionalismo de mercado” a fim de nutrir a criação de inimigos internos, via individualismo exacerbado, que retroalimentam a própria lógica neoliberal, enquanto os segundos buscam uma “sujeição completa do indivíduo ao Estado” (p. 290) e a “rivalidade geral, perpétua e até a morte entre as nações e raças” (p. 289).

Por fim, os autores proveem uma caracterização positiva do neoliberalismo original e com grande potencial de intertextualidade. Trata-se de um conjunto de ideias “autoritárias a sua maneira” (p. 309), baseado na conscrição dos poderes legislativo, judiciário e executivo na manutenção da competitividade de mercados a fim de “abolir o socialismo pela planificação da concorrência” (p. 136). Esta flexibilidade faz com que se justifique a opção dos autores de caracterizar “neoliberalismo” como estratégia. Em parte, por

essa razão, o neoliberalismo se torna uma “contrarrevolução sem revolução” (Harcourt, 2018, *apud* p. 259-260).

Dessa maneira, o combate ao neoliberalismo ocorre também a partir de sua dimensão estratégica.

Referências

- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Márcia Pereira Cunha. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- HARCOURT, Bernard E. *The counterrevolution: how our government went to war against its own citizens*. New York: Basic Books, 2018.
- SLOBODIAN, Quinn. *Globalists: the end of empire and the birth of neoliberalism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.